



O TEMPO EM DOIS TEMPOS

CC (S) Haendel Motta Arantes*

Em meio ao ritmo exponencial, permanece entrelaçada a temporalidade plantio-colheita dos agricultores de outrora. Contradições do momento. O presente artigo investiga esses dois tipos de ritmo temporal.

REGRA DE TRÊS

Antes, encontrar um verbete numa enciclopédia levava de 2 a 3 minutos, e um iniciante alcançava sua plenitude profissional lá entre 15 e 20 anos de formação.

Hoje ele encontra o mesmo verbete em 2 ou 3 segundos. Quanto tempo leva para atingir a plenitude de sua formação?

Os mesmos 15 a 20 anos? Menos? Mais?

Se o tempo acelerou para determinados eventos, para outros permanece o mesmo que os primeiros agricultores conheceram.

Ir do zero à fluência em outro idioma. Dominar bem um instrumento musical. Certas capacidades se desenvolvem na temporalidade vegetal, ontem, hoje e amanhã.

Chega a ser difícil perceber isso no meio de tantas promessas de atalho. E tal lentidão vale tanto para o desenvolvimento de habilidades técnicas (*hard skills*), quanto para habilidades menos palpáveis (*soft skills*), como liderança, autoconhecimento, flexibilidade, juízo crítico.

Sim, e as mudanças exponenciais provenientes da revolução digital (agora catalisadas ainda mais pelo impacto da pandemia do coronavírus) estão aí, ligeiríssimas. Quantas, em tão pouco tempo. *Google, WhatsApp, Netflix, Uber*, empresas com poucas ou menos de uma década de existência.



Aqui, uma comparação eloquente entre os ritmos linear e exponencial. Imaginemos um homem dando trinta passos:

Passo linear: a cada passo, 1 metro; 30 passos, 30 metros.

Passo exponencial: a cada passo a distância dobra (1, 2, 4, 8, 16, 32, 64...); 30 passos, 1.073.741.824 metros (26 voltas na Terra).

Dada a liquidez do cenário atual, há quem inverta a regra de três e a lance no infinito: já não existe plenitude profissional, estamos agora apenas em perene formação.

Não posso discordar em nada dessa conta.

ECONOMIA DE PRAZER

No período inicial de arrancada da Amazon, Jeff Bezos simplesmente não distribuiu os dividendos dos esperados *quarters* (quadrimestres) aos acionistas, decidido a reinvestir cada centavo no negócio. Manobra com punho de líder.

Freud esquadrinha nossa economia de prazer em dois princípios: do prazer e da realidade. O princípio do prazer anseia por satisfação imediata, o da realidade suporta a estação do desprazer para, só assim, alcançar colheitas de outra ordem.

Amadurecer seria aprender a renunciar ao prazer imediato? Isso pode ser enganoso, a velocidade exponencial está aí, ou seria melhor contar apenas com a linearidade do crescimento vegetal... e ser ultrapassado?

O professor Nelson Repenning, do *Massachussets Institute of Technology* (MIT), chama esse dilema de “*Worst before Better vs. Better before Worst*” (o pior antes do melhor versus o melhor antes do pior).



Dilema para o qual não há respostas fáceis.

NEOMANIA

Apreciemos agora um trecho do livro ANTIFRÁGIL, de Nassim Nicholas Taleb:

“...pessoas que se dedicam a produzir tais relatos do futuro tenderão a apresentar uma (incurável e irremediável) neomania, o amor pelo moderno como um fim em si mesmo.”

“Esta noite me encontrarei com amigos em um restaurante (as tavernas existem por, pelo menos, 25 séculos). Entrarei no ambiente usando sapatos bem

pouco diferentes daqueles usados há 530 anos pelo homem mumificado, descoberto em uma geleira nos Alpes austríacos. No restaurante, usarei talheres, uma tecnologia da Mesopotâmia que pode ser qualificada como um ‘aplicativo matador’, considerando-se que esses utensílios me permitem destrinchar a perna de um carneiro poupando meus dedos de queimaduras. Beberei vinho, um líquido que vem sendo consumido por, pelo menos, seis milênios. O vinho será servido em taças, uma inovação reivindicada por meus compatriotas libaneses como proveniente de seus ancestrais fenícios, e se alguém tiver discordâncias quanto a essa origem, podemos dizer que os objetos de vidro vêm sendo vendidos por eles como ornamentos há pelo menos 2.900 anos. Após o prato principal, terei uma tecnologia, de certa forma, um pouco mais nova, queijo artesanal, pagando preços mais altos por aqueles que mantiveram a mesma maneira de preparação por vários séculos.”

“Se alguém, em 1950, tivesse previsto uma reunião tão íntima, teria imaginado algo completamente diferente. Então, graças a Deus, não estarei vestido com um terno sintético brilhante em estilo espacial, consumindo pilulas nutricionalmente otimizadas enquanto me comunico com meus companheiros de jantar por meio de telas. Os comensais, por sua vez, expelirão em meu rosto germes transmitidos pelo ar, já que não estarão em remotas colônias humanas espalhadas pela galáxia. A comida será preparada com uma tecnologia muito arcaica (fogo), com o auxílio de utensílios de cozinha e instrumentos que não sofreram alterações desde os romanos (exceto quanto à qualidade de alguns dos metais utilizados). Estarei sentado em um dispositivo de (pelo menos) 3 mil anos de idade, vulgarmente conhecido como cadeira (que será, quando muito, menos ornamentada do que sua majestosa ancestral egípcia). E não irei ao restaurante com a ajuda de uma motocicleta voadora.”

O autor cutuca com maestria previsões ousadas sobre as transformações prometidas pelo impacto da inteligência artificial, automação, *blockchain* etc. Sim, elas virão, e bem depressa, mas entremeadas ao tempo lento das coisas que resistem.

Para encerrar, uma reflexão: ainda que consigamos, com Einstein, conceber a relatividade do espaço-tempo, é no tempo-e-espaço de Newton que habitamos, irremediavelmente. Nele, duas temporalidades parecem agora coexistir. ■

*Mestre em Psicologia (PUC-Rio).